

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se éle, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, questão preñhe de questões, que nos levariam longe ... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens. (Machado de Assis, *Quincas Borba*, 804). As barbas não queriam vir, por mais que chamas-

Machado de Assis

Lido e relido

sem o buço com os dedos, mas as opiniões políticas e outras vinham e cresciam. Não eram propriamente opiniões, não tinham raízes grandes nem pequenas. Eram (mal comparando) gravatas de cor particular, que eles atavam ao pescoço, à espera que a cor cansasse e viesse outra. Naturalmente cada um tinha a sua. Também se pode crer que a de cada um era, mais ou menos, adequada à pessoa. Sim, pernas amigas, vós deixastes à minha cabeça o trabalho de pensar em Virgília, e dissestes uma à outra: – Ele precisa comer, são horas de jantar, vamos levá-lo ao PharoUX; dividamos a consciência dele, uma parte fique lá com a dama, tomemos nós a outra, para que ele vá direito, não abalroe as gentes e as carroças, tire o chapéu aos conhecidos, e finalmente chegue são e salvo ao hotel. Se uma cousa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente. Esta peça, concluiu o velho tenor, durará enquanto durar o teatro, não se podendo calcular em que tempo será ele demolido por utilidade astronômica. O êxito é crescente. Poeta e músico recebem pontualmente os seus direitos autorais, que não são os mesmos, porque



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial
Presidente
EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM - ESDRAS RODRIGUES SILVA
GUITA GRIN DEBERT - JULIO CESAR HADLER NETO
LUIZ FRANCISCO DIAS - MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES - SEDI HIRANO

UNICAMP ANO 50
Comissão Editorial
ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO
EDUARDO GUIMARÃES

CONSELHO EDITORIAL ALAMEDA
Ana Paula Torres Megiani
Eunice Ostrensky
Haroldo Ceravolo Sereza
Joana Monteleone
Maria Luiza Ferreira de Oliveira
Ruy Braga

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se éle, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, questão preñhe de questões, que nos levariam longe ... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens. (Machado de Assis, *Quincas Borba*, 804). As barbas não queriam vir, por mais que chamas-

Machado de Assis

Lido e relido

des nem pequenas. Eram (mal comparando) gravatas de cor particular, que eles atavam ao pescoço, à espera que a cor cansasse e viesse outra. Naturalmente cada um tinha a sua. Também se pode crer que a de cada um era, mais ou menos, adequada à pessoa. Sim, pernas amigas, vós deixastes à minha cabeça o trabalho de pensar em Virgília, e dissestes uma à outra: – Ele precisa comer, são

Organizador

João Cezar de Castro Rocha

dividamos a consciência de um nocturno, com a dama, tomemos nós a outra, para que ele vá direito, não abalroe as gentes e as carroças, tire o chapéu aos conhecidos, e finalmente chegue são e salvo ao hotel. Se uma cousa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente. concluiu



durar o teatro, não se podendo calcular em que tempo será ele demolido por utilidade astronômica. O êxito é crescente. Poeta e músico recebem pontualmente os seus direitos autorais, que não são os mesmos, porque

Copyright © 2016 João Cezar de Castro Rocha

Grafiça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Edição: Haroldo Ceravolo Sereza

Assistente acadêmica: Bruna Marques

Editora assistente: Dafne Ramos

Projeto gráfico, capa e diagramação: Alameda Editorial

Revisão: Juarez Antunes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M129

MACHADO DE ASSIS: LIDO E RELIDO / organização João Cezar de Castro Rocha. - 1. ed.

São Paulo, SP: Alameda, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016;

750 p. : 23 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7939-366-2 - Alameda

ISBN 978-85-268-1365-6 - Editora da Unicamp

1. Assis, Machado de, 1839-1908 - Crítica e interpretação. 2. Literatura brasileira - História e crítica. I. Rocha, João Cezar de Castro.

16-37505

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3.(81)-3

EDITORA DA UNICAMP

Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp

Cep 13083-892 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br

vendas@editora.unicamp.br

ALAMEDA CASA EDITORIAL

Rua Treze de Maio, 353 – Bela Vista

CEP 01327-000 – São Paulo, SP

Tel. (11) 3012-2403

www.alamedaeditorial.com.br

Sumário

11

Prefácio: O autor e seu lugar

João Cezar de Castro Rocha

Atos de leitura

23

A recepção de Machado de Assis e a
transformação do romance moderno europeu

Earl E. Fitz

41

Leituras de Balzac no Brasil do século XIX:
O caso de Machado de Assis

Gilberto Pinheiro Passos

57

Machado de Assis, crítico de Eça de Queirós
– um mal-entendido sintomático

João Camilo dos Santos

83

Machado de Assis e a literatura vitoriana:
Notas de pesquisa sobre autoria, originalidade e plágio

João Cezar de Castro Rocha

117

Vestimentas e astúcia feminina:
Intertextualidade em *Esaú e Jacó*

Pedro Armando de Almeida Magalhães

125

Hamlet à brasileira: Machado lê Shakespeare

Sandra Guardini T. Vasconcelos

135

Tempo e espaço na forma shandiana: Sterne e

Machado de Assis

Sergio Paulo Rouanet

Interpretações

163

A loucura e suas razões

Adriane Camara de Oliveira

175

Raymundo Faoro, leitor de Machado de Assis

Alfredo Bosi

201

Machado e a atualidade

Daniel Piza

205

O paradoxo cético em Machado de Assis

Gustavo Bernardo Krause

231

Figurações do leitor
no romance de Machado de Assis

Hélio de Seixas Guimarães

247

Ritmos do popular no erudito:
Política e música em Machado de Assis

Idelber Avelar

271

Machado de Assis, nosso contemporâneo

João Almino

277

O desenvolvimento de uma visão de vida cética
na ficção de Machado de Assis

José Raimundo Maia Neto

297

Machado de Assis – um olhar aguçado
sobre a identidade brasileira do século XIX

Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro

307

Machado e o custo da leitura

Marisa Lajolo & Regina Zilberman

325

Um mestre entre ruínas

Michael Wood

335

Machado e o Modernismo

Raul Antelo

Romance

359

Cinco capítulos dados como perdidos
da primeira versão de *Quincas Borba*

Ana Cláudia Suriani da Silva

389

Comércio sentimental e contabilidade moral:

A linguagem da economia em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Bluma Waddington Vilar

423

A forma bela da tristeza – sobre *Memorial de Aires*

Hans Ulrich Gumbrecht

435

O mistério da (in)consciência: *Dom Casmurro*

Karl Ludwig Pfeiffer

455

A ironia de Machado em *Dom Casmurro* –
reflexão sobre a cordialidade antitrágica

Kathrin H. Rosenfield

475

Os sonhos do Conselheiro

Pedro Meira Monteiro

497

Quatro estômagos e um cérebro:
Uma interpretação de *Esau e Jacó*

Stephen M. Hart

517

Em que diferem a primeira
e a segunda vidas de Brás Cubas?

Victor K. Mendes

Conto

541

O paradoxo do alienista

Abel Barros Baptista

557

De “Uns braços” a “Missa do Galo”
ou Machado na ambiguidade

Frank F. Sousa

575

Sob o disfarce da ciência

Ivo Barbieri

597

“O Programa” de Romualdo
e a autocrítica machadiana

Jaison Luís Crestani

615

O conto em Machado de Assis e Horacio Quiroga:
Uma estética material?

Pablo Rocca

633

Modelos em movimento:
Os contos de Machado de Assis

Paul Dixon

Poesia / Crônica / Jornalismo / Recepção

657

Crônica em quinze temas

Ana Miranda

667

Machado de Assis em Portugal

Arnaldo Saraiva

683

A poesia de Machado de Assis

Cláudio Murilo Leal

699

Machado de Assis, o jornalista aprendiz

Cristiane Costa

709

Machado de Assis e o nacionalismo: O caso das *Americanas*

José Luís Jobim

725

Machado de Assis

José Saramago

727

Quincas Borba em *A Estação*

Marcus Vinicius Nogueira Soares

745

Posfácio: Algumas provocações

Haroldo Ceravolo Sereza

Prefácio

O autor e seu lugar

João Cezar de Castro Rocha
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Duas ou três coisas

Uma palavra sobre o título, *The Author as Plagiarist: The Case of Machado de Assis*. Devo confessar que ele provocou mal-entendidos inesperados. A escolha do título respondeu a dois ou três objetivos fundamentais – e dois deles deveriam ser óbvios para o público de língua inglesa, inicialmente o público-alvo. Recorde-se que o volume foi lançado em inglês, nos Estados Unidos, num colóquio realizado na Biblioteca do Congresso, em Washington; portanto, não creio que a definição inicial do público-alvo possa ser considerada uma impertinência.

De um lado, o subtítulo brinca com uma alusão mais ou menos evidente. Em 1990, Susan Sontag escreveu um prefácio à reedição em inglês de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Seu ensaio ajudou a projetar o nome de Machado de Assis para além do estreito círculo de especialistas em literatura brasileira. O tradutor, William L. Grossman, supôs que seria conveniente que o título remetesse ao último capítulo,

“Das negativas”, e assim o romance veio à luz como *Epitaph of a Small Winner*.¹ O prefácio de Sontag intitula-se “Afterlives: The Case of Machado de Assis” e encontra-se republicado em seu livro de ensaios *Where the Stress Falls*.² Roberto Schwarz viu nesse prefácio um sinal, entre outros, do “clima de cumplidades seletas que se estava formando em torno do escritor”.³

No fundo, não esperava que os leitores brasileiros reconhecessem imediatamente a alusão ao ensaio de Sontag, mas devo confessar minha surpresa diante da aparente dificuldade de colegas norte-americanos e ingleses: para eles, havia pensado comigo mesmo, a alusão seria tão explícita que talvez soasse deselegante. De qualquer modo, esclarecida a referência, compreende-se com facilidade seu ânimo: assim como o ensaio de Sontag teria alargado o horizonte da recepção da obra de Machado para além do público estritamente acadêmico, *The Author as Plagiarist: The Case of Machado de Assis* acalentava a esperança de estimular estudos em torno de sua literatura que não se limitassem ao círculo ainda mais restrito dos brasilianistas, conquistando pleno direito de cidadania nos departamentos de teoria literária, literatura comparada e mesmo em departamentos de literaturas modernas, através de uma abordagem comparativa.

De outro lado, a noção do “autor como plagiário” respondia a esse segundo propósito: situar a obra de Machado de Assis no centro de um debate muito interessante que, nas últimas décadas, tem proposto a reconstrução crítica de noções tais como autoria, originalidade, criação, plágio. Trata-se de radicalizar a contextualização das “gramáticas da criação”, na expressão forte de George Steiner, cujo projeto implica em desdobrar “o intrincado jogo de diferença e sobreposição entre ‘criação’

-
- 1 Machado de Assis. *Epitaph of a Small Winner*. New York: Noonday Press, 1990. Sua tradução foi publicada pela primeira vez em 1953. Posteriormente, com uma nova tradução de Gregory Rabassa, o romance foi lançado como *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, Oxford: Oxford University Press, 1997. Essa edição contém um prefácio de Enylton de Sá Rego, “Warning: Deadly Humor at Work” (p. XI-XIX), e um posfácio de Gilberto Pinheiro Passos, “Cosmopolitan Strategies in *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*” (p. 205-219).
 - 2 Susan Sontag. “Afterlives: the Case of Machado de Assis”. *Where the Stress Falls*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 2002, p. 30-40.
 - 3 Roberto Schwarz. “Leituras em competição”. *Revista Novos Estudos*, n.º. 75, Julho de 2006, p. 62.

e ‘invenção’”⁴. A diferença decisiva entre os verbos *creare* e *invenire*, com todos os seus desdobramentos filosóficos e teóricos, ilumina a oportunidade de pensar no “autor como plagiário” ou de refletir sobre o “plágio como criação”. Naturalmente não desenvolverei o tema neste prefácio,⁵ mas é importante reforçar o pressuposto subjacente a *The Author as Plagiarist*: a obra de Machado pode contribuir para renovar esse debate, dando-lhe uma direção inesperada, precisamente por ampliar o universo usual das referências, limitadas a textos escritos em língua inglesa – ou traduzidos para o inglês. Ou seja, imaginava que tal inserção permitiria aprofundar a intuição notável de um dos mais importantes romancistas contemporâneos:

A leitura de Machado – ele mesmo muito sob a influência do *Tristram Shandy*, de Laurence Sterne – ensinou-me algo que eu não havia aprendido inteiramente com o *Ulisses*, de Joyce, e, provavelmente, não poderia ter aprendido diretamente de Sterne, se eu já o tivesse lido: como combinar esportividade formal com sentimento genuíno, além de injetar considerável grau de realismo. Sterne é Pré-Romântico; Joyce é tardio ou Pós-Romântico; Machado é tanto Romântico quanto romântico: brincalhão, melancólico, pessimista, intelectualmente exuberante. Ele era também, como eu, um provinciano (...).⁶

Por fim, sou o primeiro a reconhecer que a noção do “plágio como criação” pode parecer deslocada, com o tempero artificial típico da falsa sofisticação de boa parte da produção acadêmica contemporânea. Contudo, e esse é o terceiro propósito a que me referi, tal hipótese foi formulada a partir da leitura de textos do próprio Machado. Isto é, trata-se de observar a recorrência em sua obra de um campo semântico muito particular, associado aos conceitos de cópia, plágio, originalidade,

4 George Steiner. *Grammars of Creation*. New Haven: Yale University Press, 2001, p. 16.

5 Remeto o leitor interessado no tema ao capítulo que publico neste livro, “Autoria pelo avesso: plágio e a cópia original”. Desenvolvi plenamente a ideia no livro *Machado de Assis: por uma poética da emulação* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013).

6 John Barth. “Foreword”. *The Floating Opera & The End of the Road*. New York: Anchor, 1989, p. VI-VII.

imitação, emulação. Recorrência, aliás, presente nos mais diversos gêneros literários exercitados pelo autor de *Ocidentais*. No volume em inglês, como um autêntico pórico, quase didático, duas epígrafes buscavam orientar o leitor, explicitando a “paternidade” machadiana do achado do “plágio como criação”.

Eis as epígrafes (o leitor julgará se foram ou não bem escolhidas para o esclarecimento do propósito):

O grotesco, por exemplo, não está no texto do poeta; é uma excrescência para imitar as *Mulheres patuscas de Windsor*. Este ponto é contestado pelos satanistas com alguma aparência da razão. Dizem eles que, ao tempo em que o jovem Satanás compôs a grande ópera, nem essa farsa nem Shakespeare eram nascidos. Chegam a afirmar que o poeta inglês não teve outro gênio senão transcrever a letra da ópera, com tal arte e fidelidade, que parece ele próprio o autor da composição; mas, evidentemente, é um plagiário.⁷

Sei que a história não se repete. A Revolução Francesa e *Otelo* estão feitos; nada impede que esta ou aquela cena seja tirada para outras peças, e assim se cometem, literariamente falando, os plágios.⁸

Exemplos semelhantes, vale repetir, são numerosos em toda a obra machadiana: no conto, na crítica, na crônica, no romance e até no teatro e na poesia. Portanto, a noção do “*author as plagiarist*” deve ser entendida como “legitimamente” machadiana.

Pois bem: foram necessários três anos de dedicação para reunir os artigos que o leitor tem agora diante dos olhos. Contudo, alguns colegas, cujo trabalho, além de respeitar, reputo como fundamental para os estudos machadianos, consideraram o título “apelativo” ou mesmo “chamativo” – ora, como se chamar a atenção para a obra

7 Machado de Assis. *Dom Casmurro*. Afrânio Coutinho (org.). *Obra completa*. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 818-19.

8 Machado de Assis. “A Semana”, 28 de julho de 1895.

fundamental de Machado de Assis fosse algo condenável. Esses críticos severos não se deram conta da alusão ao ensaio de Susan Sontag e muito menos relacionaram o título com o debate teórico contemporâneo. E, o que me surpreendeu ainda mais, eles também não foram capazes de identificar a origem perfeitamente machadiana da expressão!

E não é tudo: apenas um ano após o lançamento de *The Author as Plagiarist: The Case of Machado de Assis*, Robert Macfarlane escreveu um ensaio de grande elegância e inteligência, *Original Copy: Plagiarism and Originality in Nineteenth-Century Literature*.⁹ Macfarlane reconstruiu um debate fascinante que empolgou a literatura inglesa oitocentista na segunda metade do século XIX. Essa polêmica questionou a primazia concedida pela estética romântica à noção de gênio, propondo estratégias alternativas de invenção literária e um de seus resultados foi a proliferação de paradoxos com sabor de manifesto, tal como a defesa irreverente de uma “cópia original”, ou a recuperação polêmica do “plágio” como um gesto cuja complexidade foi obliterada pelo Romantismo. A recepção crítica a seu livro tem sido entusiasmada. E merecidamente, pois se trata de uma obra de referência. A alentada bibliografia do volume demonstra a importância crescente de ideias tais como... “o autor como plagiário”.

Salvo engano, a obra machadiana tem tudo para desempenhar papel decisivo nesse debate.

Este volume

Diante desse esclarecimento, o leitor talvez se pergunte: então por que o livro em português tem outro título? A resposta encontra-se na própria formulação: porque o público-alvo não é o mesmo. Num volume com tantos e tão importantes colaboradores não é tarefa fácil traduzir a gama dos tópicos tratados em um título-tema. De fato, apenas uma porção dos textos aqui reunidos lidam, direta ou indiretamente, com a questão do “plágio como criação”. Contudo, em inglês, tal título deveria desempenhar um papel catalisador, idealmente capaz de criar um novo público para a

9 Robert Macfarlane. *Original Copy: Plagiarism and Originality in Nineteenth-Century Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

obra de Machado de Assis: cada um faz a aposta pascalina que pode (ou a que lhe cabe). Já em português, o título mais neutro, *Machado de Assis: Lido e relido*, corresponde à diversidade efetiva de enfoques que compõe o presente volume.

Esse ponto é fundamental, representando o eixo deste volume. Na medida do possível, procurei reunir todas as orientações metodológicas e todas as abordagens teóricas – e isso sem filiar-me a grupo algum e sem adotar este ou aquele paradigma como o caminho necessário para o entendimento da obra machadiana. Pelo contrário, sua riqueza desautoriza exclusivismos, em geral atizados pelas disputas de poder que animam o cotidiano da universidade e que, de fato, muito pouco tem a ver com produção de conhecimento acerca da obra do autor de “Teoria do Medalhão”. Eis, portanto, a maior contribuição deste volume, pois os 41 ensaios aqui coligidos permitirão ao leitor formar uma visão generosa dos estudos machadianos. De igual modo, suas seções – “Atos de leitura”; “Interpretações”; “Romance”; “Conto”; “Poesia / Crônica / Jornalismo / Recepção” – oferecem um amplo panorama dos estudos sobre o conjunto da produção machadiana.

Uma última palavra acerca do estímulo inicial de *The Author as Plagiarist: The Case of Machado de Assis*, transformado agora em *Machado de Assis: Lido e relido*. Numa análise certa do projeto, Haroldo Ceravolo Sereza levantou uma questão incontornável. A inserção da obra machadiana num debate teórico internacional “de fato amplia os horizontes da leitura do escritor. Por vezes, no entanto, pode dar a sensação de que ele pairava sobre o país, o que é também um problema. Invertendo uma célebre fórmula antinacionalista de Roberto Schwarz, só para provocar mais uma vez, o risco é um dia Machado virar internacional por subtração”.¹⁰

Eis o fascínio e a dificuldade dos grandes autores: é como se eles falassem para dois públicos ao mesmo tempo – pelo menos para dois públicos. Esse efeito é possível através de um trânsito, de descrição difícil, entre o alheio e o próprio. De um lado, Machado converte a matéria que lhe é próxima em tema, claro ou oblíquo, de sua ficção. De outro, se insere numa temporalidade outra, definida certa vez por Eliot como o sentimento que anima um escritor a sentir “o conjunto da literatura da Europa a partir

10 Haroldo Ceravolo Sereza. “*The Author as Plagiarist: The Case of Machado de Assis*”. *Luso-Brazilian Review*, Volume 46, Number 1, 2009, p. 141. Esta resenha é republicada neste livro como posfácio, com o título “Algumas provocações”.

de Homero e (...) o conjunto da literatura do seu país como partes de uma existência e de uma ordem simultâneas”.¹¹ Tal forma de percepção do tempo foi perfeitamente compreendida por Machado e plasmada num belo soneto, “Espinosa”. Guardadas as devidas proporções, seus versos podem ser lidos como uma análise sobre sua condição:

Gosto de ver-te, grave e solitário,
Sob o fumo de esqualida candeia,
Nas mãos a ferramenta de operário,
E na cabeça a coruscante ideia

E enquanto o pensamento delinea
Uma filosofia, o pão diário
A tua mão granjeia
E achas na independência o teu salário.

Soem cá fora agitações e lutas,
Sibile o bafo aspérrimo do inverno,
Tu trabalhas, tu pensas; e executas,

Sóbrio, tranquilo, desvelado e terno,
A lei comum, e morres, e transmutas
O suado labor no prêmio eterno.¹²

Destaque-se a compreensão complexa do processo criador, realizado entre as “agitações e lutas” e a promessa, nunca certa, do “prêmio eterno” – a obra machadiana alimentou-se dessa dualidade. O autor de *O Alienista* inventou seu lugar próprio nessa oscilação entre as tribulações do cotidiano, que não podia controlar, e a disciplina férrea, que essa sim podia dominar, e sem a qual a página não se transforma em literatura. Recorde-se ainda, no mesmo contexto, outro poema de Machado de

11 T. S. Eliot. “Tradition and Individual Talent”. *Selected Essays*. London: Faber and Faber, 1969, p. 14.

12 Machado de Assis. “Espinosa”. *Ocidentais. Toda poesia de Machado de Assis*. Claudio Murilo Leal (org.). Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 317-18.

Assis; poema dedicado à relação conflituosa entre os personagens Ariel e Calibã, de *A tempestade*, de William Shakespeare. Trata-se do soneto “No alto”, igualmente reunido em *Ocidentais*:

O poeta chegara ao alto da montanha,
E quando ia a descer a vertente do oeste,
Viu uma cousa estranha,
Uma figura má.

Então, volvendo o olhar ao sutil, ao celeste,
Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,
Num tom medroso e agreste
Pergunta o que será.

Como se perde no ar um som festivo e doce,
Ou bem como se fosse
Um pensamento vão,

Ariel se desfez sem lhe dar mais resposta.
Para descer a encosta
O outro lhe deu¹³ a mão.¹⁴

Como ninguém ignora, o poeta é Próspero – um Próspero nos tristes trópicos, bem entendido. Mas não nos deixemos vencer pelo autoexotismo, pois, exatamente como ocorre com o Próspero shakespeariano, Próspero-Machado descobre-se dividido entre Ariel e Calibã. E, se no alto da montanha contava com o nume, na descida

13 Na *Obra completa*, Vol. III, organizada por Afrânio Coutinho, esse último verso aparece como “O outro estendeu-lhe a mão”. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, p. 179. A mesma lição se encontra em *Machado de Assis. Poesia*. Péricles Eugênio da Silva Ramos (org.). Rio de Janeiro: Agir, 1964, p. 79. De igual modo, em *Machado de Assis. Melhores poemas*. Alexei Bueno (org.). São Paulo: Global, 2000, p. 116.

14 Machado de Assis. “No alto”. *Ocidentais. Toda poesia de Machado de Assis*. Claudio Murilo Leal (org.). Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 347.

da encosta conta apenas com o apoio da “figura má”. Talvez Machado tenha cifrado nesse soneto uma reflexão reveladora sobre sua condição de “mestre na periferia do capitalismo”, recordando a expressão de Roberto Schwarz.

Nesse caso, Próspero-Machado necessitou encontrar um delicado meio-termo entre o dia a dia que lhe coube no Brasil oitocentista e as lições da tradição literária e, num sentido mais amplo, as promessas da “civilização”, tal como então se entendia o conceito. De um lado, Ariel, o espírito tutelar, universal; de outro, Calibã, os muitos escravos e os inúmeros agregados que sequer chegariam a abrir seus livros. Aqui, o Próspero de Shakespeare contava com uma vantagem adicional, pois os Calibãs da Inglaterra elizabetana, e não eram poucos, estavam dispensados de ler: bastava comparecer ao teatro e prestar alguma atenção na intriga desenvolvida no palco – no teatro da época, com frequência o melhor espetáculo tinha lugar no chão batido em que se acotovelava a audiência mais popular.

Machado-Próspero às vezes flerta com Ariel, outras vezes coqueteia com Calibã, mas, sobretudo, não se compromete com ninguém, pelo menos não exclusivamente, pois em terra de cego quem enxerga muito é tolo. Em outras palavras, é como se Calibã escrevesse no idioma de Ariel, ou pelo menos lançasse mão de seus temas e adotasse inclusive suas formas convencionais, sem jamais abrir mão da malícia que traz à tona o lado nada etéreo de Ariel, ao fim e ao cabo, um servo de Próspero, exatamente como Calibã.

Portanto, a alquimia machadiana consiste num vaivém astucioso que não se deixa aprisionar nem lá, tampouco cá. Isso não quer dizer que tenha antecipado uma imaginária terceira margem, pois até tal margem imaginária oferece uma facilidade a ser evitada pelos seus leitores. Especialmente pelos leitores críticos – sejam ou não acadêmicos.

Espero que os ensaios aqui reunidos estimulem esse tipo de leitura.

Afinal, a tarefa do crítico não é adotar credos, mas correr riscos.

